

# Seca amazônica faz rio sumir e ribeirão ir atrás de água



Casa flutuante encalhada em frente à cidade de Tefé, no médio Solimões, por causa da seca extrema que atinge a região

## Rio seca na Amazônia, e ribeirinhos atravessam areia com água da cidade

Estiagem faz sumir igarapé Paraná de Tefé, no médio Solimões; moradores andam longas distâncias

Vinícius Sassine e Lalo de Almeida

**TEFÉ (AM)** A fumaça que entra pela janela das casas em Manaus, impregnando tudo com o cheiro de queimado, é um dos principais sintomas da seca severa que atinge a Amazônia. Assim como de colagem de um pedaço de tecido, sem que os pilotos distingam o que é manuseio e o que é névoa dos incêndios.

O enchimento agressivo de um lago — com o superaquecimento das águas, a formação de enormes bancos de areia, a limitação da navegação e a morte de animais como botos vermelhos e tucuzis — é outro símbolo da estiagem extrema na região.

Mas nada se compra no supermercado de um rio no município de Tefé (AM). A Folha esteve nesta quinta-feira (13) no igarapé Paraná de Tefé — um curso d'água caudaloso em tempos nor-

mais, via de navegação para barcos lotados de passageiros rumo ao rio Solimões e habitat de botos — e constatou que ele está morto. Já na boca do rio Tefé, onde deságua, o igarapé virou um banco de areia, superaquecida por temperaturas também extremas. O vazio percorre seu curso inteiro, passando por comunidades dependentes da abundância de água.

Restaram, para as casas com mais sorte, alguns filetes de água, usados para matar a sede dos animais.

Casas flutuantes já não flutuam. Motores já não bombeiam água. Sem o rio, as famílias das se viram sem água para consumo. O mais frequente era retirar essa água do igarapé e abastecer lá a um tratamento e filtragem. Não há técnica que dê conta de tratar o filete de água carregado de sedimentos. Uma tentativa dos moradores é captar a água da chu-

va — a pouca chuva que existe nos dias de uma seca que já pode ser considerada histórica na região do médio rio Solimões, onde se está cidade como Tefé e Fonte Boa.

O que é comum a todos os moradores dessas comunidades é a dependência da água que sai de torneiras públicas. A cidade de Tefé está próxima; são menos de 30 minutos pelo rio de mesmo nome, entre a boca do igarapé que não existe mais e o portinho do município. Mas as dificuldades são gigantes, mesmo num trecho curto.

Os moradores das margens da Paraná de Tefé precisam carregar nos ombros os galões e garrafas cheios de água trazidos da cidade. Eles param os barcos até onde é possível, descem por um terreno além da imediatez — uma lama escorregadia — e acentram pela areia quente do que já foi fundo de um rio. O percurso pode se estender por 1,5 km.

Para as casas mais próximas do lago, a busca por água na cidade já ocorre em tempos normais.

Não há falta d'água nessas casas, nem é comum o processo de tratamento e filtragem. Nas casas mais distantes, a cortina por água em Tefé passou a ser mais frequente, em razão do desaparecimento do igarapé, assim como no próprio Solimões.

"Já são 40 dias assim. Está secando ainda", afirma o pescador e agricultor Raimundo Bezerra de Amaral, 59. Ele tem viva na memória a seca de 2010, a pior que se tem notícia na região. "Em 2010 foi pior no sentido de não ter ficado demanda de água, nem para banho. Agora a gente tem um filete, para banho e para os bichos. Mas, em 2010, foram 30 dias assim. Agora já são 40".

O rio Tefé segue fluindo. Nesta quinta, segundo medição de pesquisadores que atuam na região, a altura di-

minuiu 6 cm. Nos dias anteriores, vinha batendo de 10 a 15 cm por dia. O renascimento do Paraná de Tefé, assim, pode demorar. A pesca não existe porque não tem água. O calor e a secura impedem coletas.

"Enquanto medicina, milho, maracujá. Morre tudo. Quer-ma tudo", diz Amaral. "Estão morrendo mais da criação de galinhas".

Na comunidade São Jorge, um pouco mais adiante, na mesma margem, as dificuldades para fazer a plantação vingar são as mesmas. "A gente planta hortaliça e vira-ri. Com essa seca, nada prospera", diz o agricultor José Nelson Macedo, 50. "A gente foge água e não presta. A medicina morreu toda. O que restou foi maxixe, feijão, batata e um pouco de cebolinha".

Era ele que transportava os alunos para uma escola em outra comunidade. Isso já não ocorre há semanas, o barco não sai do lugar. Agora, com as aulas suspensas, o agricultor busca tarretas e entrega nas casas das crianças.

A estiagem é um ciclo na Amazônia. Vem e vai todos os anos. Os ribeirinhos sabem que o igarapé Paraná de Tefé vai renascer, mas estranham o prolongamento da seca. A realidade se estende a diversas comunidades da região.

Ilhas se aproximam de pontos de habitação histórica, como no alto e médio rio Solimões, no baixo rio Negro (onde está Manaus) e no rio Madeira. A estiagem é tão severa que deve impactar a próxima, de 2024, segundo pesquisadores. As chuvas estão mais excessivas que em outros anos, na véspera, durante e na previsão para o pós estiagem.

"O rio não deu uma chuva grande. Agente apurou a água da chuva. Melhorou mais um pouco", diz Macedo.



### Governo recomenda ficar em casa no AM

O governo Lula recomenda que a população no AM fique em casa para evitar a formação de incêndios que ocorrem na região e levariam 25 municípios a decretarem emergência. A ministra Nisia Trindade (Saúde) via para Manaus na segunda (16). O Ministério do Meio Ambiente vai reforçar o combate às queimadas com mais 149 brigadistas, chegando a 209 nos próximos dias. "O principal vetor das queimadas é o desmatamento. Não existe fogo natural na Amazônia", afirmou Marina Silva.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Ambiente Caderno: B Pagina: 1